

OSTRACODES MIOCÊNICOS DO TESTEMUNHO OFFSHORE 2-RSS-1 DA BACIA DE PELOTAS, MARGEM SUL DO BRASIL

R. M. MANICA^{1,2} & J.C. COIMBRA (orientador)¹

¹Laboratório de Microfósseis Calcários, Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, Instituto de Geociências, UFRGS, Porto Alegre, RS

²Bolsista PIBIC FAPERGS/UFRGS

*Email: raquel_manica@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Microfósseis calcários têm se mostrado muito eficazes no estudo da evolução das bacias costeiras brasileiras, assim como em estudos bioestratigráficos e paleoecológicos, sendo largamente empregados pela indústria petrolífera. Dentro desse contexto, os microcrustáceos da Subclasse Ostracoda apresentam grande relevância tanto para a bioestratigrafia de intervalos não marinhos (e.g. pré-sal), quanto para análises paleoambientais e paleoceanográficas.

A Bacia de Pelotas é uma bacia de margem continental passiva que cobre toda a costa do Rio Grande do Sul, atingindo o sul de Santa Catarina e o Alto de Polônio no Uruguai. Porém, é ainda pouco conhecida por ser de pequeno interesse econômico. O intervalo correspondente ao Mioceno, na Bacia de Pelotas, está representado pelas Formações Imbé e Cidreira (Turoniano - Holoceno).

Na época miocênica a Passagem de Drake (que separa a América do Sul da Antártica) já estaria aberta, mas há muitas divergências sobre a atuação da Corrente das Malvinas na costa sul-brasileira naquele momento (o que teria propiciado uma mudança nas características de faunas marinhas atlânticas).

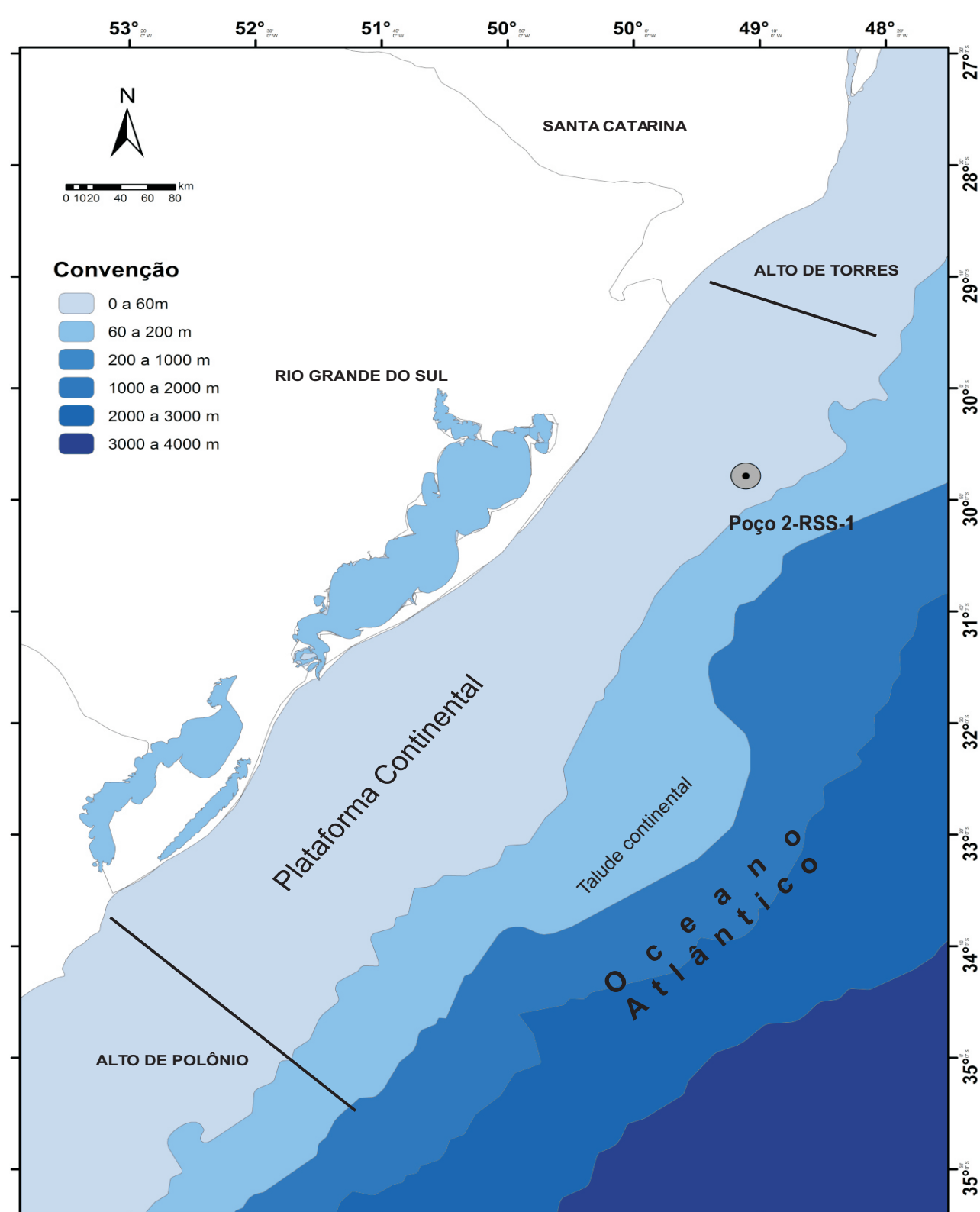


Figura 1 - Mapa da região da Bacia de Pelotas e localização do poço 2-RSS-1 (adaptado de Barboza *et. al.*, 2008).

MATERIAL E MÉTODOS

Foram coletadas amostras de testemunho no intervalo compreendido entre 1300,40 m -1308,55 m no poço 2-RSS-1(30°39'43"S, 49°15'17"O), perfurado pela Petrobras na década de 1970. De cada uma das 17 amostras foram preparadas 60 g, as quais passaram por peneiras de três diferentes frações granulométricas (0.250 mm, 0.177 mm e 0.062 mm). Todas as amostras já se encontram preparadas, triadas e com os ostracodes colados em lâminas de células múltiplas separados em nível genérico e específico. Esta etapa da pesquisa foi realizada em estereomicroscópio, microscópio óptico e MEV.

RESULTADOS

Foram identificados 19 gêneros de ostracodes marinhos bentônicos, como segue: *Actinocythereis*, *Ambocythere*, *Argilloecia*, *Apatihowella*, *Australoecia*, *Bradleya*, *Costa*, *Cytherella*, *Cytheropteron*, *Henryhowella*, *Krithie*, *Loxoconcha*, *Neocaudites*, *Neonesidea*, *Parakrithie*, *Semicytherura*, *Trachyleberis*, *Xestoleberis* e *Wichmanella*. Tais gêneros estão distribuídos em 29 espécies, 25 ainda encontram-se em nomenclatura aberta e foram identificadas quatro delas: *Henryhowella kempfi*, *Krithie coimbrai* e *Krithie gnoma* (todas encontradas no Holoceno) e *Wichmanella juliana*, originalmente descrita para o Eoceno Superior - Oligoceno.

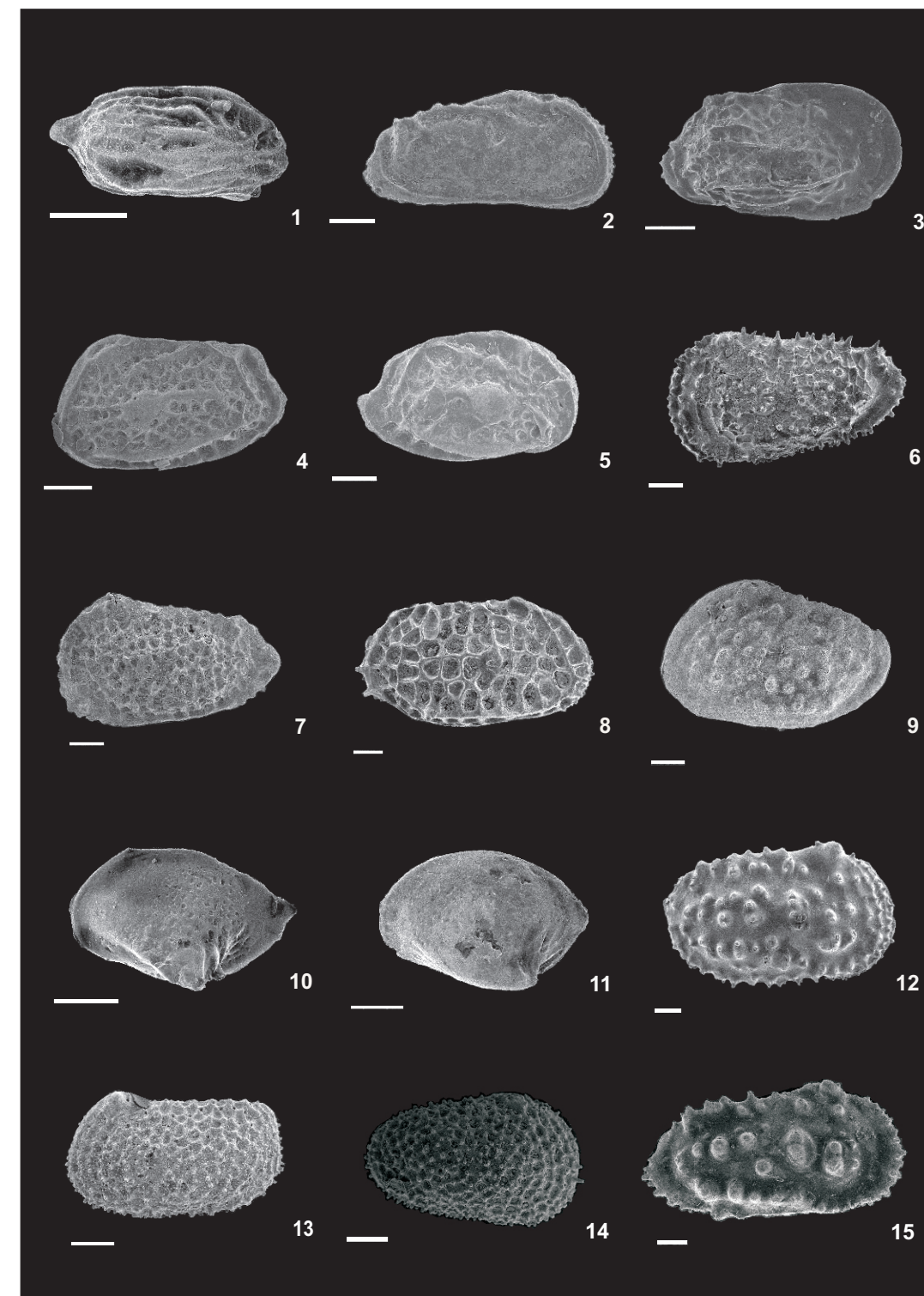


Figura 3 - Fotomicrografias em MEV. 1, *Semicytherura* sp., VD; 2, *Neocaudites* sp. 1, VD; 3, *Ambocythere* sp. 1, VD; 4-5, *Costa?* sp. 1, VE, VD; 6, *Trachyleberis* sp. 1, VE; 7, *Costa* sp. 2, VE; 8, *Bradleya* sp., VD; 9, *Trachyleberis* sp. 2, VE; 10, *Cytheropteron* sp. 1, VE; 11, *Cytheropteron* sp. 2, VE; 12, *Henryhowella kempfi*, VD; 13, *Wichmanella juliana*, VE; 14, *Apatihowella* sp., VD; 15, *Actinocythereis* sp. nov., VD. Escala= 100 µm.

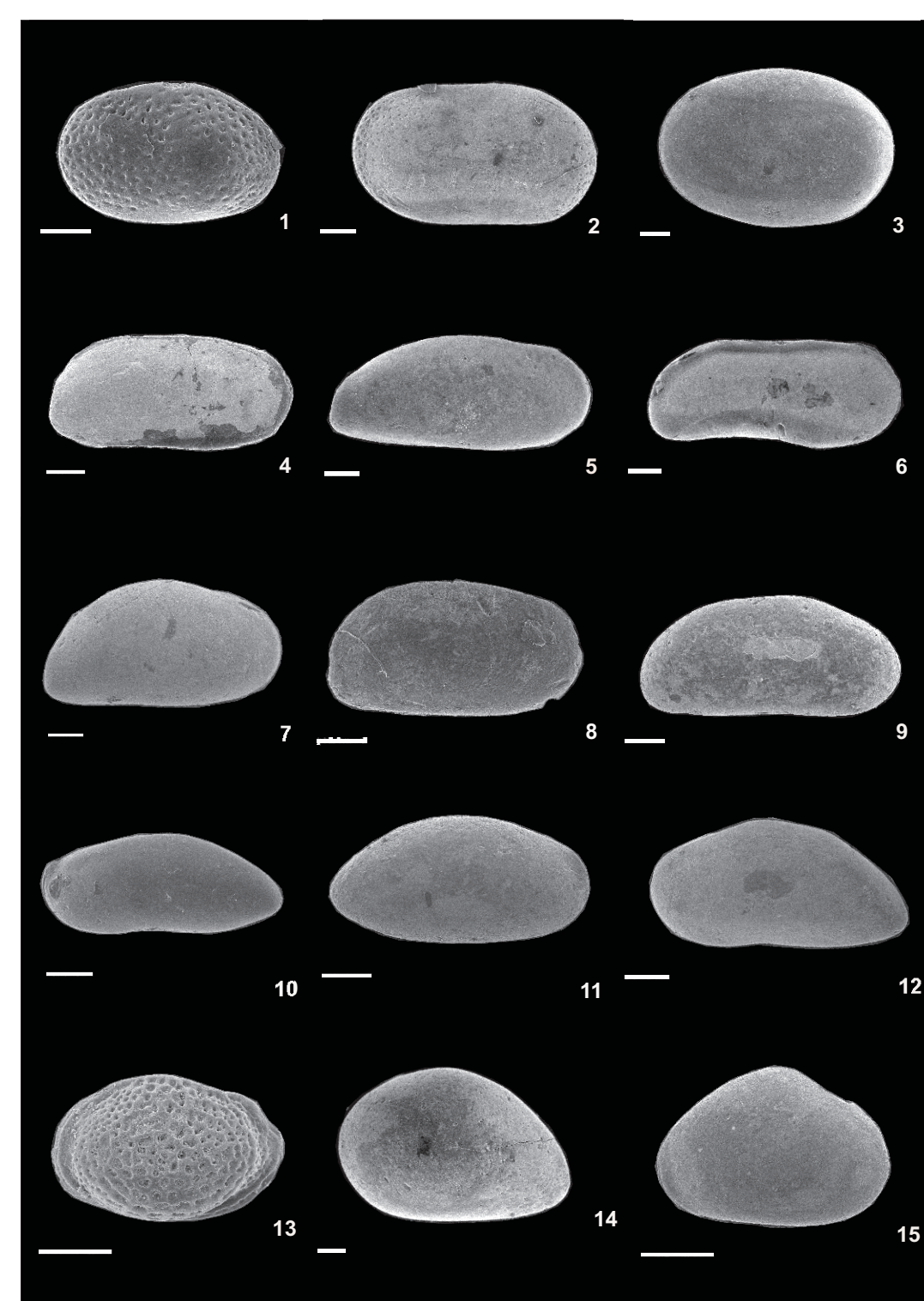


Figura 4 - Fotomicrografias em MEV. 1, *Cytherella* sp. 3, VE; 2, *Cytherella* sp. 2, VD; 3, *Cytherella* sp. 1, VE; 4, *Krithie gnoma*, VD; 5, *Krithie coimbrai*, VD; 6, *Krithie* sp. 2, VD; 7, *Krithie* sp. 1, VD; 8, *Parakrithie* sp., VD; 9, *Australoecia* sp., VD; 10, *Argilloecia* sp. 1, VE; 11, *Argilloecia* sp. 2, VD; 12, *Neonesidea* sp. 2, VD; 13, *Loxoconcha* sp., VE; 14, *Neonesidea* sp. 1, VE; 15, *Xestoleberis* sp., VD. Escala= 100 µm.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA E.G.; ROSA M.L.C.C. & AYUP-ZOUAIN R.N. 2008. Cronoestratigrafia da Bacia de Pelotas: Uma revisão das seqüências deposicionais. *Gravel*, 6 (1):125-138.
CAREÑO, A.L.; COIMBRA, J.C. & CARMO, D.A. 1999. Late Cenozoic sea level changes evidenced by ostracodes in the Pelotas Basin, southernmost Brazil. *Marine Micropaleontology*, 37:117-129.

Apoio: